

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O FUNDO DOCUMENTAL DA CASA DE POUSADA.

BRITO, Francisco

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

Como citar este documento:

BRITO, Francisco, O fundo documental da Casa de Pousada. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 203-206.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O fundo documental da Casa de Pousada

Francisco Brito¹

*Palavras proferidas na apresentação do
fundo documental da Casa de Pousada.
(21 de novembro de 2015)*

Em 2010, sendo investigador no Grupo de História das Populações da Universidade do Minho, pareceu apropriado ao meu irmão, Eduardo Brito, apresentar-me o Dr. Luís Bandeira, sócio da Sociedade Martins Sarmiento e proprietário da Casa da Pousada. Na altura foi-me dito que o meu contributo poderia ser útil para que o Dr. Luís Bandeira desse destino a uns documentos antigos que tinha em sua posse. O nosso encontro – que se a memória não me falha foi precedido por um belo almoço – tinha por objectivo ver os documentos da Casa de Pousada. Naturalmente a ideia entusiasmou-me. Já tinha algum conhecimento da importância desse fundo através da leitura da “Casa da Pousada”, da notável genealogista e investigadora Dona Maria Adelaide Pereira de Moraes. Contudo, ao ver aqueles velhos documentos pousados sobre uma mesa, à minha disposição não pude disfarçar o meu espanto. Ao saber que era intenção do Dr. Luís Bandeira doar os documentos a uma instituição vimezanense percebi, naquele exacto momento, que Guimarães acabara de ganhar o livre acesso a um importante pedaço da sua história. O que na altura não percebi de imediato é que, a pretexto daqueles velhos papeis, tinha também acabado de ganhar um novo amigo: o Dr. Luís Bandeira, que aproveito para saudar publicamente, não só como meu amigo que é, mas também como amigo de Guimarães que demonstra ser com este seu gesto.

¹ Investigador do Grupo de História das Populações/CITCEM/UPorto,
colofon@colofon.pt

Para que os documentos fossem entregues à Sociedade Martins Sarmiento era necessário criar um índice, ainda que rudimentar, para que o doador soubesse ao certo a natureza dos documentos que iria doar. Nesse sentido empreendi com o meu amigo Miguel Teixeira a tarefa de criar o índice da documentação que agora se encontra na Sociedade Martins Sarmiento.

O fundo documental da Casa da Pousada – e da família Peixoto que durante séculos a possuiu – é extraordinário. Contém documentos que vão do século XIV ao século XIX, tratando das mais variadas questões relativas à Casa. Falar de uma Casa como a Casa da Pousada, não é falar de uma habitação. É falar da cabeça de um Morgado, a que pertenciam inúmeras propriedades rústicas e urbanas e de que dependiam dezenas ou centenas de pessoas (directa ou indirectamente). Como é sabido as propriedades vinculadas (os morgados) eram inalienáveis. Alguém instituíu um vínculo e aqueles que sucediam (que herdavam) o morgado eram apenas seus administradores, não podendo dispor livremente da propriedade. Esta documentação da Casa da Pousada, cujo morgadio remonta aos séculos XIII/XIV, permite-nos, entre outras coisas, reconstituir a paisagem social dos morgados de Pousada e de suas famílias ao longo de mais de seis séculos! No panorama minhoto são raros estes fundos e ainda mais raros aqueles que se encontram disponíveis para consulta pública.

Reconstituir através destes documentos a vida dos Peixotos de Pousada não é tarefa fácil. Implica mergulhar na Idade Média, navegar até à Índia, assistir a ataques de piratas, a guerras com os infiéis e, também, a guerras dentro da mesma família pela posse da enorme fortuna que, ao longo dos séculos, foi acumulada. Mas se, por um lado, a reconstituição da vida desta família pode ser complicada, por outro abre inúmeras possibilidades de investigação. Traçar o perfil dos morgados de Pousada ao longo dos séculos é uma delas, mas outra, talvez mais interessante, poderá ser a análise da questão vincular através do caso de estudo da Casa da Pousada.

Com o liberalismo começa a ser discutido o fim definitivo da propriedade vincular (morgados) e uma das reflexões mais interessantes sobre o assunto é feita por Alexandre Herculano que, de forma crítica,

afirmava que o domínio da propriedade “ficou (...) chumbado na campa de um túmulo: o túmulo retem-no até o fim das gerações”. O pensamento de Herculano ia no sentido de acabar com a propriedade vincular. Ainda assim, Herculano não deixou de medir os prós e contras da questão, referindo, por exemplo, que a independência económica proporcionada pela posse de um morgado era um garante para que se pudesse exercer com isenção certos cargos da vida pública e política, combater o centralismo ou, ainda, para que o morgado pudesse ilustrar-se e ilustrar a sua terra pela ciência e pela cultura e legar aos seus esse património económico, social e cultural. Para o norte do país Herculano afirma que um dos problemas que o fim dos morgados traria seria o da dispersão da propriedade em parcelas pequenas e improdutivas. Na verdade, nessa região do país em que, por exemplo, em 1900 a propriedade média não chegava a 1 hectare, só os morgadios – salvo raras excepções – conseguiam agregar o conjunto de terras suficientes para que a agricultura fosse produtiva e rentável.

Mas no liberalismo não havia lugar para os morgados nem para as especificidades regionais – não se podia continuar a deixar que uma boa parte das terras aráveis do país fosse, na verdade, propriedade de gente que já tinha “morrido há 500 anos”. A propriedade tinha que ser livre.

Com as novas leis as terras que os morgados (os homens) administravam passaram a ser sua propriedade, da qual podiam dispor (vender livremente). Creio que não será disparatado dizer que o esplendor da *belle époque* do norte do país poderá em certa medida ser devedor aos morgados, nessa sua fase final... E aqui, voltamos à Casa de Pousada e a uma figura que no final do século XIX era o seu possuidor e representante: João Gonçalo Pacheco Pereira de Sousa, o último morgado da Pousada que, no início do século XX, terá desbaratado uma fortuna calculada pelo Conde da Aurora, na década de 60, em pelo menos 50 000 contos! Já sem o apelido Peixoto, substituído por outros que foram entrando na família ao longo dos tempos, este último morgado da Pousada – e de tantos outros morgadios que a ele chegaram – foi, na verdade, o último elemento daquela família a ser proprietário da Casa da Pousada e de tantas outras que em Guimarães e não só entraram na família por sucessão morgânica, heranças, alianças, etc.

Sobre as alianças da Casa da Pousada, sobre a sua história e genealogia, e sobre as várias casas que à Pousada se ligaram e que ainda hoje pontificam nas ruas de Guimarães falará de seguida a Dra. Sílvia Pinto.

Termino deixando mais uma vez o meu agradecimento ao Dr. Luís Bandeira pelo bonito gesto que teve para com a Sociedade Martins Sarmento e para com Guimarães e agradecendo também à Sociedade Martins Sarmento o convite que me endereçou para que hoje fizesse esta pequena apresentação.